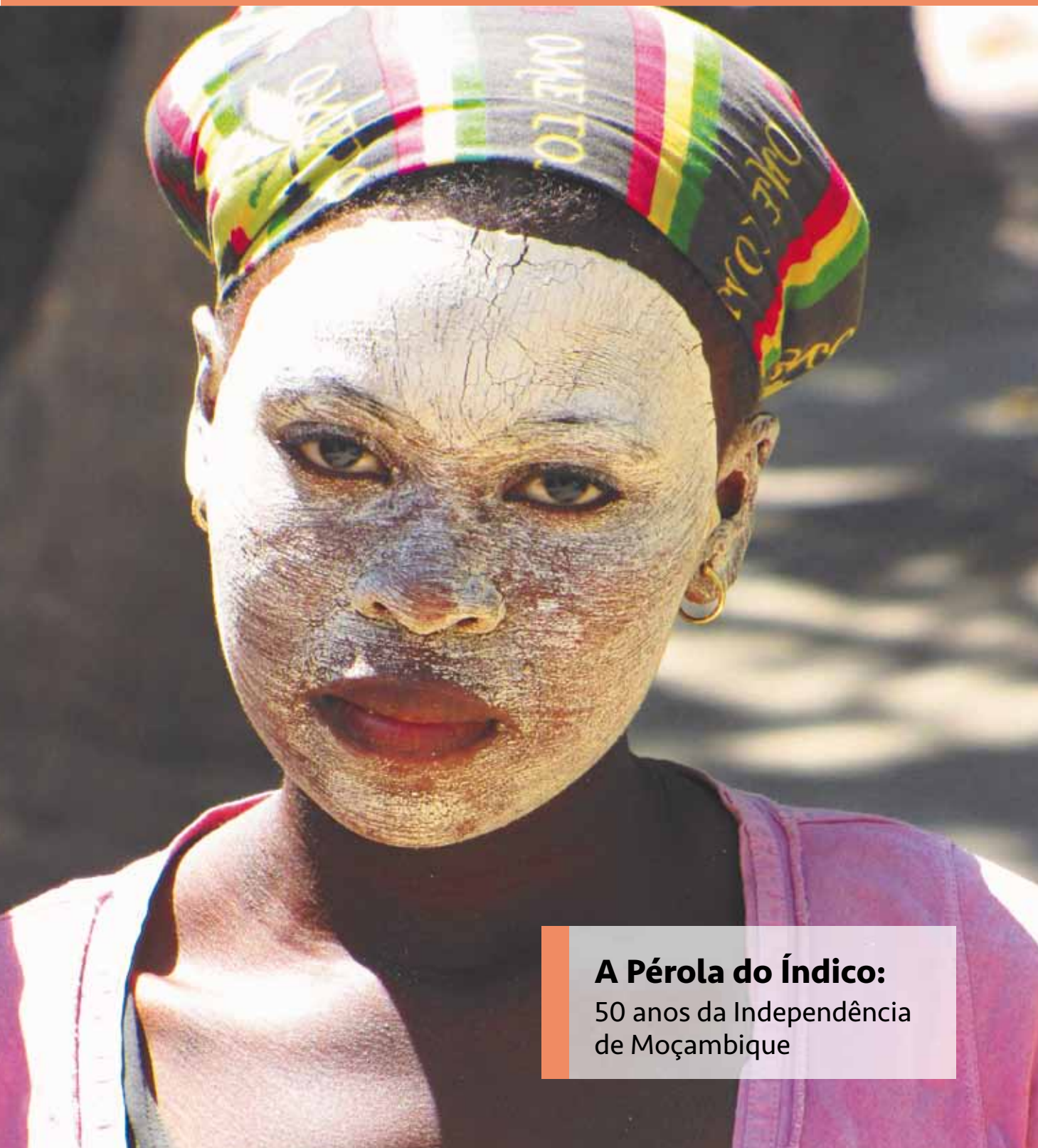
BOA NOVA

Atualidade Missionária

ANO CI | **N.º 1141** | **JUNHO 2025** | AVULSO 2,50€ (IVA INCLUÍDO) | PUBLICAÇÃO MENSAL



A Pérola do Índico:

50 anos da Independência de Moçambique

FICHA TÉCNICA

BOA NOVA

Apartado 40
3721-908 Vila de Cucujães | Portugal

E-mail: boanovarevam@mail.telepac.pt
Site: **revista.boanova.pt**
Tel.: 256899350 (Administração e Redação)

Sede do editor: Apartado 40
3721-908 Vila de Cucujães | Portugal

Sede da Redação: Apartado 40
3721-908 Vila de Cucujães | Portugal

Revista dos MISSIONÁRIOS DA BOA NOVA

Publicação Mensal

Ano CI | N.º 1141 | **junho 2025**

Historial: Com o nome de "O Missionário Católico" entre os anos 1924-1970

Depósito Legal: n.º 3725/83

ISSN 0870-7626 – Registo n.º 101474

Proprietário: **Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, ou, simplesmente, Sociedade Missionária da Boa Nova**
- Rua da Bempostinha, 30 - 1150-066 LISBOA

Contribuinte N.º 500 261 431

Administração: **Editorial Missões**

Diretor e coordenador: **Rui Ferreira**

Diretora Adjunta: **Eva Dias**

CONSELHO DE REDAÇÃO:

Equipa redatorial: **Rui Ferreira, José Manuel Lima, Joaquim Pinho, Letícia Amorim, Eva Dias e Diana Salgado**

Colaboradores permanentes: **Jerónimo Nunes (América Latina), José Guedes (África) e Tiago Tomás (Ásia)**

Colaboradores assíduos: **Aires Gameiro, Artur de Matos, Sérgio Cabral, Augusto Farias**

Design gráfico: **Bruno Campos e Letícia Amorim**

PDF: **Álvaro Silva**

Institutos Missionários ligados à BOA NOVA: **Franciscanas Missionárias de Maria * Irmãos de S. João de Deus * Associação das Missionárias da Boa Nova * Leigos Boa Nova**

Sede do impressor: **Gráfica Diário do Minho, Lda.**
Rua de S. Brás, 1
4710-079 Gualtar - Braga
producao@diariodominho.pt

Tiragem: **5.600 exemplares**

Assinatura anual: ..... 18,00 €
Assinatura anual de Amigo: ..... 25,00 €
Assinatura anual de Benemérito: ..... 50,00 €
Número Avulso: **2,50 € (inclui IVA à taxa legal)**

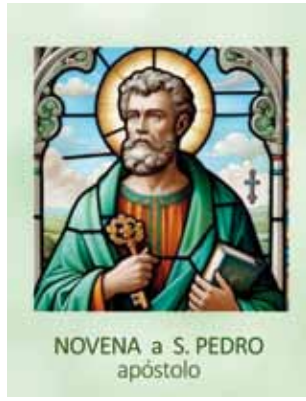
A Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas exerce a sua atividade sem fins lucrativos.

CAPA: **Sérgio Cabral** (arranjo gráfico).
Foto: Sérgio Cabral
CONTRACAPA: **José Manuel Lima** (arranjo gráfico)

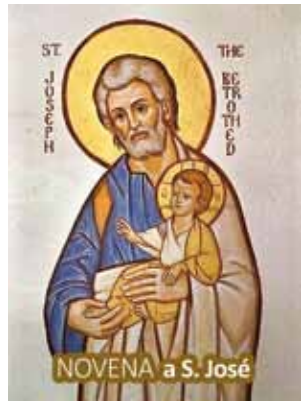
MISSÃO PRESS

Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

Editorial Missões
ADQUIRA BONS LIVROS



2,00 €



2,20 €

O exercício espiritual das novenas, como forma de preparação para as festas cristãs, sempre fez parte da tradição católica. A Editorial Missões, na continuidade de outras novenas, apresenta as novenas a S. José e a S. Pedro, protetores e alicerces da Igreja de Jesus.

O PAGAMENTO DA **BOA NOVA**
PODE SER FEITO ATRAVÉS
DE CHEQUE, VALE DO CORREIO
OU TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA

Através de transferência bancária:
Nacional – IBAN: PT 50 0018 0003 2047 5182 02032
Banco Santander
Estrangeiro – IBAN: PT 50 0018 0003 2047 5182 02032
Swift/BIC: TotaPTPL – Banco Santander

Se fizer o pagamento por transferência bancária, deverá avisar a revista Boa Nova por telefone (256 899 350), ou e-mail (boanovarevam@mail.telepac.pt), dando-nos conta da operação realizada e indicando o nome do titular da conta e a assinatura que paga.

A assinatura anual da Boa Nova, em 2025, é de 18,00 €.

04 **PÓRTICO**
Construamos a Paz
na Justiça e no Amor

06 **MEMORIAL**
A aurora de um novo Moçambique:
repercussões da independência
na Boa Nova

08 **PÉS A CAMINHO**
Leão XIV: a Missão (de novo)
no Vaticano

12 **ZOOM MENSAGEM**
Pentecostes:
Os mais fracos
(salmo 146,9)

14 **1.º PLANO**
50 anos da Independência de Moçambique:

15 :: Posta à prova e purificada, a Igreja renasceu cheia de vitalidade para o anúncio do Evangelho

19 :: O papel da Igreja na conquista e consolidação da independência de Moçambique

24 :: "O caminho de maturidade de Moçambique percorre-se revisitando e reescrevendo o projeto de nação"

28 :: Moçambique:
da Independência ao Jubileu

32 **MÃOS ABERTAS**

35 **COOPERAÇÃO BOA NOVA**

36 **FAMÍLIA BOA NOVA**
A Família Boa Nova,
ainda mais alargada

38 **AO DE LEVE**

Construamos a Paz na Justiça e no Amor

◊ **Pe. Rui Ferreira, diretor**

"A Paz esteja com todos vós". Durante vários dias o olhar do mundo virou-se para Roma à espera de conhecer o novo Papa. Na sua primeira aparição, após um longo silêncio, emocionado e emocionante, Leão XIV dirigiu-se à cidade e ao mundo fazendo ecoar "a primeira saudação de Cristo Ressuscitado" e desejando que a paz entre no nosso coração e chegue às nossas famílias, a todas as pessoas, a todos os povos, a toda a terra.

Infelizmente, olhando a realidade, parece que o mundo vai em contramão com este anseio profundo de justiça, paz e fraternidade entre todos os povos e nações, pois todos somos irmãos. No início de 2025, assistimos à saída dos E.U.A. da Organização Mundial Saúde e da suspensão da USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional), decisões unilaterais que denotam egoísmo e fechamento, colocando em risco a vida de milhões de pessoas carenciadas em todo o mundo.

> **"Esta é a paz de Cristo Ressuscitado, uma paz desarmada e uma paz desarmante, humilde e perseverante. Que vem de Deus, do Deus que nos ama a todos incondicionalmente"**
>
> ***Leão XIV***

É caso para perguntar: mundo, para onde vais? Para onde vamos, enquanto continua a matança de civis inocentes, sobretudo mulheres e crianças, em Gaza, na Ucrânia, em Cabo Delgado, e em inumeráveis guerras esquecidas, que beneficiam apenas os traficantes de armas. O Papa Francisco repetiu incansavelmente que a guerra é sempre uma loucura e uma derrota para toda a humanidade.

Já em 1973 S. Paulo VI bradava: "a paz é possível! A paz é possível, se for verdadeiramente querida; e se a paz é possível, ela é obrigatória". Para tal, "é necessário ter a coragem da paz. Não a



EPA/Lusa

da força bruta, mas a do amor: todos os homens são meus irmãos, e não pode haver paz sem justiça". Foi com esta convicção que, há mais de 50 anos, um grupo de jovens militares se ergueu contra a loucura da guerra colonial e iniciou um movimento que culminou na emancipação de povos irmãos e no nascimento de várias nações independentes.

Tal foi o caso de Moçambique que, no dia 25 de junho, celebra o cinquentenário da sua independência. A liberdade não se conquista do dia para a noite. É um longo caminhar que exige responsabilidade e maturidade. Entre luzes e trevas, como as da guerra civil que flagelou o país durante 16 anos, o povo moçambicano perseverou na esperança da paz que brota da justiça e do diálogo, porque "a unidade prevalece sobre o conflito" (Papa Francisco).

O maior contributo da Igreja tem sido caminhar lado-a-lado com o povo, partilhando as suas dores e alegrias. Perseguida e despojada, após a independência, a Igreja renasceu livre para servir e promover a paz. D. Manuel Vieira Pinto e D. Jaime Gonçalves, Arcebispo da Beira, mediador do Acordo Geral de Paz de Moçambique, em 1992, são figuras incontornáveis, mas à sua sombra permanecem escondidos muitos outros homens e mulheres, testemunhas credíveis da Paz do Ressuscitado.

Apesar das sombras que ainda pairam sobre a jovem nação moçambicana, permanece viva a esperança num país mais justo, livre e fraterno. No longo caminhar para a reconciliação e a paz efetivas, Moçambique pode recordar com gratidão a visita de dois Papas: S. João Paulo II, em 1988, com o lema "Construamos a Paz na Justiça e no Amor"; e Francisco, peregrino na "Esperança, Paz e Reconciliação", em 2019. Que a Igreja, peregrina na esperança, continue a ser fermento, sal e luz, em Moçambique e no mundo.

revistaboanova1924@gmail.com



Fotos: Arquivo Boa Nova

A aurora de um novo Moçambique: repercussões da independência na Boa Nova

◊ **Eva Dias**

Nas décadas de 60 e 70 de Novecentos, a urgência da libertação dos territórios africanos sob o domínio de Portugal e o fim da guerra colonial imprimia aos acontecimentos nestas realidades geográficas uma dinâmica mais acelerada que aquela que se vivia na metrópole. Esta urgência de mudança desembocou na Revolução de Abril de 1974, colocando um ponto final em mais de 40 anos de ditadura, 13 anos de uma guerra sangrenta e no reconhecimento do direito à independência dos territórios ultramarinos. Os processos de independência destes territórios tiveram repercussão nas páginas da Boa Nova, de modo especial Moçambique e Angola, países onde trabalhava a maioria dos agentes pastorais da Sociedade de Missionária Portuguesa naquele continente.

Em Moçambique, no período que precedeu a Revolução, algumas vozes do episcopado português elevaram-se para lembrar o alinhamento da Igreja com as determinações do Concílio Vaticano II (Comunicado da Conferência Episcopal de Moçambique, publicado em 5 de março de 1974. BN, Ano L, abr. 1974, pp.5-6). D. Manuel Vieira Pinto, bispo de Nampula, foi o rosto mais conhecido, cujo posicionamento ("Repensar a Guerra", mensagem para o 7.º Dia Mundial da Paz; "Imperativo de consciência", assinado pelo prelado e pelos Missionários Combonianos na diocese), valeu-lhe a expulsão para Portugal, onde chegou em 15 de abril de 1974 (BN, mai. 1974, pp.3-5).

A mudança do enquadramento político conduziu ao posicionamento dos institutos missionários e religiosos de Portugal face à nova conjuntura (BN, set. 1974, pp.11-13). Também a Sociedade Missionária Portuguesa refletiu seriamente sobre a missionação dos seus membros e definiu novas linhas de rumo, emanadas da III Assembleia Geral, reunida entre 11 de julho e 28 de agosto de 1974, em Valadares, através do documento "Para um compromisso cada vez


SSIONÁRIOS DA SOCIEDADE MISSIONÁRIA
A EVANGELIZAÇÃO EM MOÇAMBIQUE
MENSAGEM DA ASSEMBLEIA GERAL
AOS MEMBROS DA SOCIEDADE MISSIONÁRIA

▲ **III Assembleia Geral da Sociedade Missionária Portuguesa, onde foi elaborado o documento "Para um compromisso cada vez mais evangélico ao serviço das igrejas locais". Boa Nova, out. 1974, p.11**


MOÇAMBIQUE, VIVA!
BOA SORTE, MOÇAMBIQUE!

▲ **Notícia do nascimento de Moçambique independente, em 25 de junho de 1975. Boa Nova, jul. 1975, p. 10**


MOÇAMBIQUE
MISSIONÁRIOS EXPULSOS

▲ **Um dos reveses da política do novo governo moçambicano: a expulsão de missionários. Boa Nova, dez. 1975, p.29**

mais evangélico ao serviço das igrejas locais" (BN, out. 1974, pp.11-20). Também na 1.ª Assembleia Regional, realizada em finais de dezembro desse ano, em Nampula, os missionários da Boa Nova reuniram-se para rever métodos de trabalho e estudar a renovação de mentalidades e estruturas (BN, fev. 1975, pp.10-11; mar. 1975, pp.27-29).

Em Moçambique, pela carta pastoral de agosto de 1974, o episcopado pronunciou-se sobre a independência do país, apresentando a renúncia aos cargos, caso fosse vontade do Santo Padre, de modo a operar-se a renovação da hierarquia moçambicana (BN, out. 1974, pp.27-32). Por sua vez, os consagrados moçambicanos reuniram-se no Centro Catequético do Guiúa (Inhambane) para refletir sobre a situação e o futuro do país, em vista à africanização da Igreja moçambicana (BN, dez. 1974, pp.19-26; mai. 1975, pp.12-13).

A independência de Moçambique viria a acontecer em 25 de junho de 1975 (BN, jul. 1975, pp.10, 22-23; out. 1975, pp. 8-9). No turbilhão deste processo, aqueles que se encontravam na linha da frente foram os mais afetados. A nacionalização dos bens da Igreja e a guerra civil que se seguiu constituíram enormes desafios para as populações e para os missionários. Alguns missionários, pertencentes à Sociedade Missionária e outros institutos, foram expulsos (BN, jul. 1974, pp.4-6; dez. 1975, pp. 3, 29-31; dez. 1976, p.11); outros presos; e outros, ainda, impedidos de entrar no país (BN, jan. 1976, p.14). Uns abandonaram o território, rumo a outras missões (BN, ago-set. 1976, pp.16-17; ...); outros aguentaram firmes, adaptando-se às exigências do novo regime, para continuarem junto do povo nesta hora decisiva, apoiando-o nas suas necessidades físicas e espirituais. Os casos revelam quanto a aurora de um Moçambique independente estava longe de trazer paz e estabilidade ao país recém-nascido. •

Leão XIV: a Missão (de novo) no Vaticano

◊ **Manuel Vilas Boas**
Jornalista

A eleição de Leão XIV faz regressar "à mãe-pátria" do catolicismo a Missão, algo ainda difusa, nos quatro cantos do mundo.

Estava ali, em carne e osso, às portas do mundo, o missionário agostiniano, Robert Francis Prevost, de 69 anos, natural de Chicago, nos Estados Unidos. Assomou, imprevistamente, à varanda central (*loggia*) da Basílica de São Pedro, no Vaticano, revelando a sua identidade essencial: filho espiritual de um poderoso líder religioso, Agostinho de Hipona.

Pela história sabemos que, no século XIII, a doutrina e teologia deste pensador cristão acompanhou a fundação dos frades mendicantes agostinianos, em 1243, nas pegadas dos franciscanos, em 1209, em Assis e, logo a seguir, em 1216, dos frades dominicanos, fundados por Francisco de Assis e Domingos de Gusmão, respetivamente.

A surpresa deste conclave, dirigido pela inteligência (menos emocional que a do Papa anterior), revelou-se na entrega do comando da barca de Pedro ao missionário agostiniano, que trazia os sapatos gastos nas montanhas andinas ou por entre os rios, pouco governados, do Peru, obrigando-o também a calçar galochas e a ajudar as populações desprotegidas, sempre as mais fustigadas pelos desmandos da natureza e pela imprevidência humana. Este conclave foi, assim, visivelmente, seguido por quem esteve no terreno, por duas décadas, a fazer contas de matemática, deslocando-se a pé e a cavalo, de mãos abençoadas para acudir os corações tristes e aflitos, como se de um médico

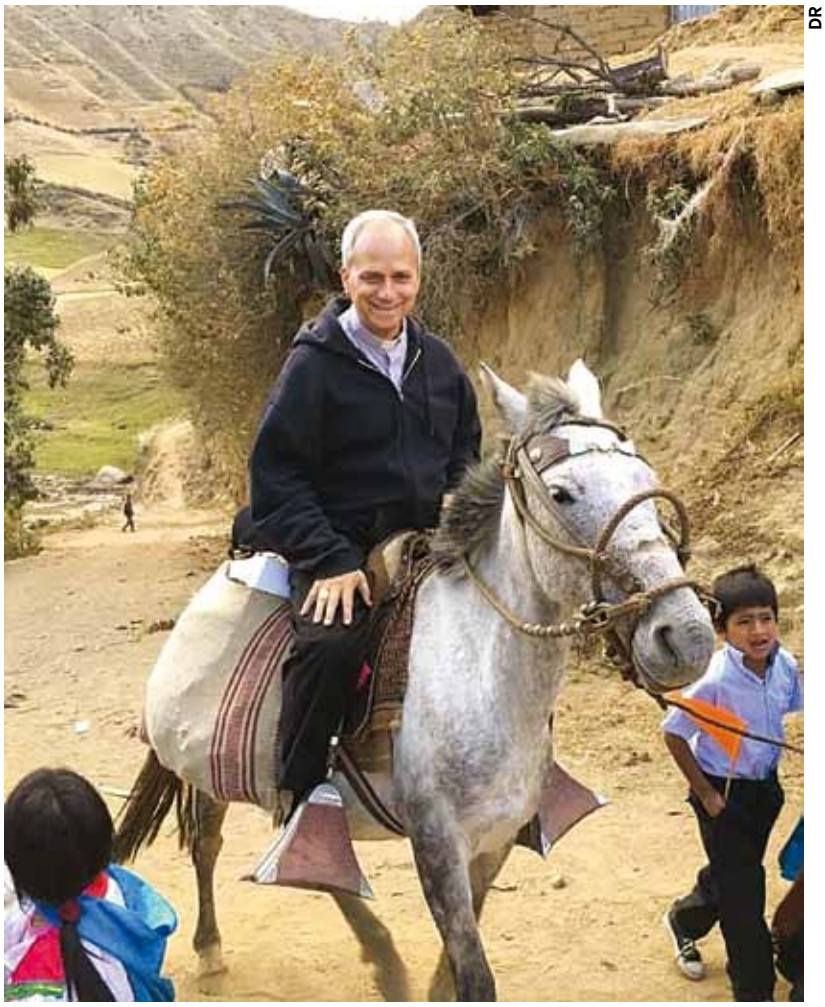
de família se tratasse ou se um mensageiro de Emaús lhes saísse ao caminho.

SINODALIDADE, A REVOLUÇÃO SILENCIOSA

As decisões tomavam-se em Roma, por Francisco, no afã de ser útil a um projeto inovador. Estava posta em movimento uma verdadeira revolução silenciosa para que a Igreja Católica não mantivesse o atraso histórico de, pelo menos, duzentos anos, apontado pelo cardeal Martini, um jesuíta, arcebispo de Milão, desaparecido em 2012. São evidentes agora os passos da estratégia romana. Prevost assume, entretanto, dupla nacionalidade. Norte-americano, por nascimento, em 1955, o padre Roberto, como era chamado, torna-se também peruano, em 2015. A nomeação para Superior-Geral dos agostinianos, dá-lhe, entretanto, mais mundo e visibilidade.

Às montanhas peruanas chegou também, em 2014, a ordenação episcopal do padre Roberto, para a diocese costeira de Chiclayo, no norte do país, com 600 mil habitantes.

Em 2023, Francisco, atento, chama a Roma o carismático missionário e nomeia-o presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina e prefeito do Dicastério para os bispos. Era, avisadamente, o responsável-mor pelos novos líderes das



DR

▲ **Com Leão XIV, missionário agostiniano no Peru, a missão está de regresso ao Vaticano**

dioceses católicas no mundo. Era esta a cadeia que o papa argentino não podia quebrar. O Espírito Santo, cumpria assim a sua missão acreditada de assistir esta corajosa proposta. Há dois anos que a marcha da Igreja de Pedro estava, subtilmente, em carris mais oleados...

ESCUTA, DIÁLOGO E INCLUSÃO

Assim pudemos observar que, até, durante a doença de Francisco, era visível a constante nomeação de bispos para todos os continentes. Leão XIV, de postura pastoral moderada, mas alinhado com Francisco, centra agora o seu projeto pontifical na escuta, no diálogo e na inclusão. Estas são as suas maiores preocupações sociais, bem como terçar armas pela paz mundial e por uma política integradora dos emigrantes. Noutras áreas, ficará a solicitação pelo diálogo intercultural e religioso, o lugar da mulher na Igreja, a lei do celibato e a momentosa questão climática.

DR





▲ Como bispo de Chiclayo, D. Robert Prevost assumiu a missão de acolher e integrar os imigrantes, assim como assistir no terreno as populações afetadas pelas cheias provocadas pelo El Niño, em 2023

Leão XIV, o novo nome do papa, aponta para a Doutrina Social da Igreja do seu antecessor, Leão XIII (o mais velho dos pontífices), o papa da encíclica *Rerum Novarum*: "Faço novas todas as coisas". Com esse texto, chegava ao discurso oficial da Instituição o cheiro do trabalho (Francisco fez chegar o cheiro a ovelha) e dos seus inalienáveis direitos, o socialismo e o capitalismo liberal, o sindicalismo e as lutas operárias.

Pela primeira vez, a Igreja Católica sujava as mãos no fogo da revolução industrial que, no século XIX, criava novos escravos. Tal como a era digital de hoje poderá reduzir a ondas crematórias os seres humanos, assustadoramente, robotizados. E o que nos espera na incógnita da Inteligência Artificial? Estas são as angústias e os desafios de quem terá de edificar as pontes necessárias para o transbordo da esperança...

MISSIONÁRIO CATÓLICO, UMA FIGURA MALTRATADA PELA HISTÓRIA?

Há muito que a clássica figura do missionário não regressava aos ecrãs da modernidade. No entanto, foram ainda muitos os nomes que a história registou de homens e de mulheres que rasgaram continentes, passaram fronteiras, tomaram mesmo parte em episódios de história que se transformaram em libertação e progresso dos povos.

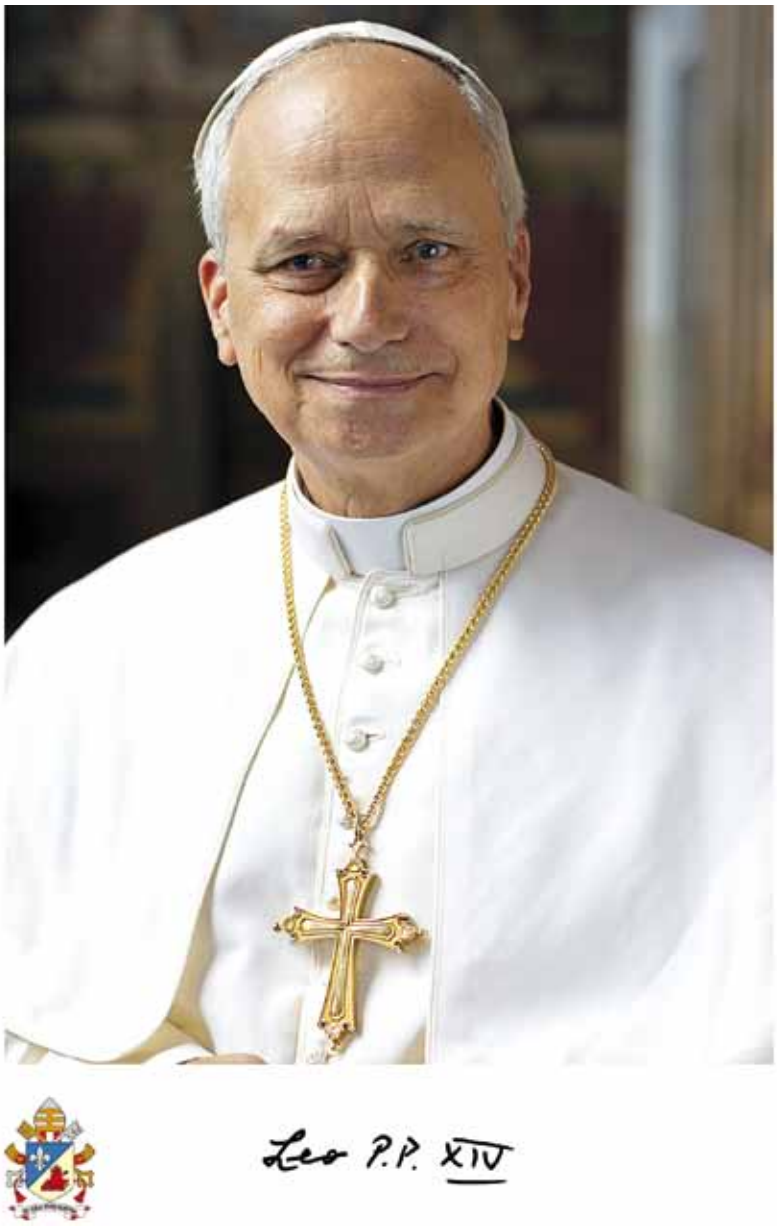
Referindo-me à história nacional, cito os nomes do franciscano António de Lisboa, e dos jesuítas, António Vieira, Manuel da Nóbrega, João de Brito e João da Silveira, entre outros.

Atualizo a história recente com os nomes de António Barroso, Sebastião Soares de Resende e Manuel Vieira Pinto. António Barroso, bispo do Porto, missionário no século XIX, natural de Remelhe, Barcelos, que idealizou a Sociedade das Missões Ultramarinas (hoje, Sociedade Missionária da Boa Nova), privou, diversas vezes, com Leão XIII, pelas problemáticas que lhe levantaram a paralisia social e religiosa de Moçambique e da diocese de Meliapor, na Índia, onde foi também prelado.

A eleição do missionário agostiniano vem sacudir definitivamente a nossa memória coletiva de um país comprometidamente missionário, envolto em longos pregões laudatórios. Por muitos anos, os missionários portugueses foram entregues ao compromisso político da Concordata e do Acordo Missionário de 1940, tornando-se, assim, colaboradores, nem sempre consentidos.

Os missionários do nosso tempo são ainda, muitas vezes, tratados como se fossem seres de segunda condição eclesiástica, porque filhos de pobres, na sua maioria.

Nas universidades foi esquecida a teologia da Missão. Nos próprios institutos missionários, os mais simples e os menos dotados tinham, muitas vezes, precedência no envio para as missões, de então.



Vatican Media

▲ **Leão XIV: A primeira foto oficial de um papa a sorrir, ainda que discreto**

PROSELITISMO, NUNCA MAIS!

Leão XIV acaba de iniciar uma época nova na Igreja Católica, levando a uma dignidade "maior", o serviço que estes homens e mulheres prestam à humanidade, onde quer que estejam. Mas vai-lhes ser, outra vez, clara a obrigação de não se socorrerem do proselitismo e, segundo o conselho explícito do papa Ratzinger, não poderão utilizar, nem mesmo as cores dos seus hábitos, para difundirem, como se de publicidade se tratasse, as mensagens de que são portadores. A Igreja portuguesa dispõe, atualmente, de 783 missionários, espalhados pelo mundo, sendo 284 homens e 439 mulheres.

É tempo de zarpar e levar, de novo, as águas lustrais do Batismo, por caminhos novos, para um universo ainda mais vasto, unido pela diversidade, pela ousadia e pela mudança, que o Evangelho sugere.

Afinal, a sinodalidade de Francisco não é mais do que o cumprimento, ainda que tardio, do Concílio Vaticano II, o sonho do intrépido João XXIII, continuado pelo papa Montini /Paulo VI. •

◊ **Foto: Pe. Zé Manel**
◊ **Texto: Pe. António Rego**

Pentecostes: Os mais fracos
(salmo 146,9)

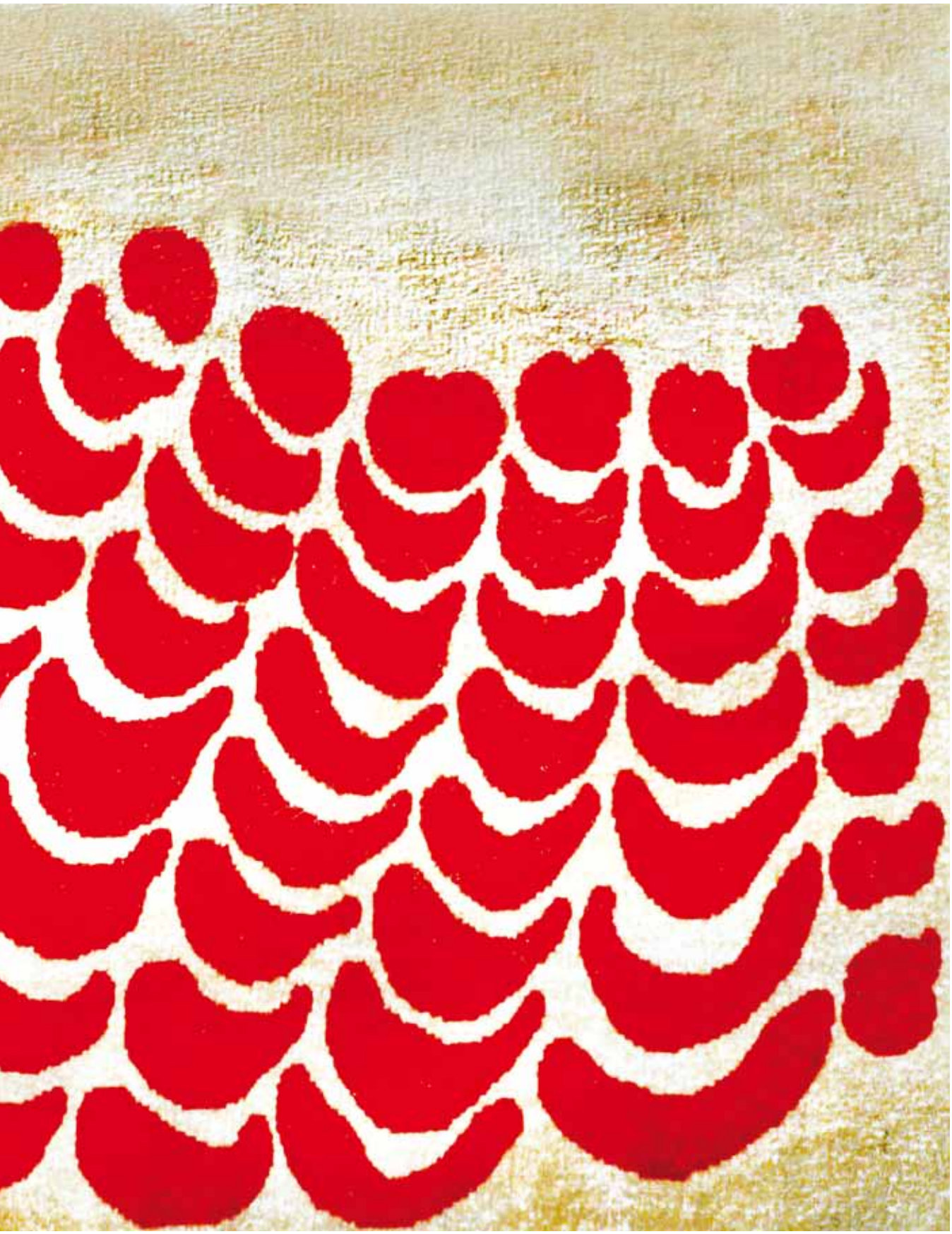


Parece que o universo conspira contra nós.
De tantos lados nos chegam temores e ameaças
que nos sentimos acabrunhados
como quem não gosta da vida.
Tudo isto tem a ver com o pão,
a comodidade, a nossa casa, a nossa saúde,
o nosso carro e a tranquilidade à nossa mesa.

Espírito Divino,
ilumina quem governa o mundo
para que não esmague os mais fracos
nem explore os que menos têm,

Espírito Divino,
comove os nossos corações
de forma a que saibamos olhar os que mais precisam.

Espírito Divino,
concede-nos a luz prometida
na obscuridade que sobre nós desaba.
Não permitas que caiamos na guerra do desencontro,
mas saibamos ler a história nos traços
que cada dia inscreves nos nossos caminhos.



Pintura de Henrique do Vale

50 anos da Independência de Moçambique

Moçambique, jovem nação, que tem sofrido as dores de parto, como os 16 anos de guerra civil, tem na juventude a sua grande esperança



Posta à prova e purificada, a Igreja renasceu cheia de vitalidade para o anúncio do Evangelho

◊ **Pe. José Guedes, Missionário da Boa Nova**

Os 50 Anos da independência de Moçambique são ocasião para revisitar o passado e projetar o futuro. O Pe. José Guedes viveu na primeira pessoa o nascimento de uma nova nação. O que aparentemente era uma catástrofe para a Igreja, com a implementação de um regime marxista-leninista de partido único, a expropriação de bens e a perseguição e expulsão de missionários(as), que o autor deste texto sentiu na pele, acabou por proporcionar o florescimento de uma Igreja ministerial de rosto moçambicano.

Acabado o curso de teologia, em 1971, fui enviado para Nampula, Moçambique. Apesar da guerra, o ambiente era pacífico, podendo viajar sem problemas por toda a Província de Nampula, da Zambézia e de boa parte de Cabo Delgado. Passei os primeiros dois anos em Momola, como professor no pré-seminário da Sociedade Missionária (SM). Durante esse período, o meu contacto com a atividade pastoral era esporádico, quando era possível acompanhar o Pe. Zé Patrício. Vivíamos em tempos pós-conciliares e na diocese de Nampula, sob a direção do Bispo, D. Manuel Vieira Pinto, havia um grande esforço de renovação. Refletia-se e questionavam-se as atitudes pastorais, o modo de anunciar o Evangelho e a maneira de estar presente no meio do povo como testemunhas fidedignas de Jesus Cristo. Havia um fervilhar constante de ideias, de perguntas

Fotos: Boa Nova



▲ **Após o Concílio Vaticano II, deu-se um grande questionamento sobre «o modo de anunciar o Evangelho e a maneira de estar presente no meio do povo. Havia um fervilhar constante de ideias, de perguntas e de sugestões»**

e de sugestões. Dentro da SM, percebia-se uma certa tensão (latente) entre os mais novos e os mais velhos. Estávamos em Moçambique só por causa do Evangelho ou devíamos também estar ao serviço de uma cultura que, julgando-se superior, nos levava a ignorar e até desprezar a cultura do povo? E daí que quase ninguém falasse a língua do povo, apesar do Pe. Prata ter publicado a gramática e o dicionário de Macua. Na pregação e, muitas vezes também no dia a dia, a comunicação era feita através de um intérprete.

Ordenado presbítero, fui enviado para Lalaua a fazer companhia ao Pe. Alfredo Alves Moreira e ao Ir. Cipriano. Lalaua era ainda uma missão em construção. Embora a casa fosse simples e pequena, já havia um internato e uma machamba (terreno agrícola) de algodão. Surpreendeu-me que o Irmão prestasse mais atenção à catequese do que ao trabalho agrícola, que ficava mais nas mãos do Pe. Alfredo. Todas as missões eram centros de produção agrícola, possuindo machambas de algodão e também de tabaco, cujo produto tornava possível a manutenção das estruturas da missão e do trabalho evangelizador. Nas missões, havia internatos masculinos e femininos, que facilitavam a escolarização dos jovens e contribuíam também para o trabalho na machamba. A evangelização no território da missão era feita principalmente através dos professores/catequistas que recebiam um pequeno salário. Enquanto professores, ensinavam as crianças e os jovens até à quarta classe, seguindo o currículo estabelecido pelo governo colonial. Como catequistas, preparavam as pessoas para os sacramentos e presidiam às celebrações dominicais. Durante a minha curta presença em Lalaua, acompa-



▲ **D. Manuel Vieira Pinto, na foto, foi a voz do povo que ansiava por libertação, acabando por ser expulso pelo regime colonial a 13 de abril de 1974**

nhado do primeiro catequista da paróquia, fiz uma visita às aldeias mais importantes da missão. A minha estadia foi interrompida para fazer o curso de aprendizagem de Macua no Centro Catequético do Anchilo. Entretanto, o processo que iria transformar a Igreja em Moçambique de maneira radical estava a ganhar forma.

D. Manuel Vieira Pinto era cada vez mais uma voz crítica dos abusos do regime colonial, pedindo a paz e o reconhecimento da voz do povo que queria a independência. Em janeiro de 1974, ele proferiu a homilia "Repensar a Guerra" e, a 12 de fevereiro do mesmo ano, os Combonianos publicaram o documento "Um imperativo de consciência". O governo reagiu expulsando o Bispo juntamente com os Combonianos a 13 de abril de 1974. Doze dias depois, a 25 de Abril, o regime foi derrubado, abrindo assim caminho para a independência das antigas colónias. Assim, a 25 de junho de 1975, Moçambique tornou-se independente.

A presença e a participação em atividades da Igreja tornou-se cada vez mais difícil. Vários padres foram presos e expulsos; alguns saíram e outros não foram autorizados a regressar. (...) A determinado momento, os missionários foram obrigados a fixar residência fixa na cidade, tornando impossível o contato com as comunidades, que ficaram entregues a si mesmas.

Imbuída da ideologia marxista-leninista, a FRELIMO propôs-se criar uma sociedade nova ao serviço do homem novo, liberto da opressão e exploração. Para a tornar possível, eram necessárias atitudes e medidas radicais, destruindo a sociedade velha com a sua mentalidade e estruturas. A sociedade e a cultura tradicionais eram ignoradas, desprezadas e achincalhadas. O cristianismo era visto como instrumento da colonização, sendo classificado como obscurantismo que devia ser erradicado. As escolas e os centros de saúde foram nacionalizados, assim como as residências dos padres, que eles consideraram como residências do diretor escolar. Os professores passaram a funcionários do Estado, devendo estar inteiramente ao serviço da nova ideologia e da nova sociedade. A presença e a participação em atividades da Igreja tornou-se cada vez mais difícil. Vários padres foram presos e expulsos; alguns saíram e outros não foram autorizados a regressar. Os obstáculos postos ao anúncio do Evangelho tornaram-se cada vez

maiores. A determinado momento, os missionários foram obrigados a fixar residência na cidade, tornando impossível o contato com as comunidades, que ficaram entregues a si mesmas. Como tentativa de estabelecer a nova sociedade nas zonas rurais, surgiu o projeto das aldeias comunais, que procurou arregimentar as populações sob a direção da FRELIMO. De início, a resistência passiva das populações tornou difícil a implementação do projeto; depois, surgiu a guerra civil que levou à deslocação de milhões de pessoas à procura de segurança e proteção.

Humanamente falando, nesta situação, a Igreja viu-se confrontada com um verdadeiro cataclismo. Parecia ser o fim de tudo! As perspetivas eram muito pessimistas. No entanto, como diz Paulo, é na fraqueza que se vê o poder de Deus (cf. 1 Cor 1,27; 2 Cor 11,30; 12,5). Apesar das dificuldades e da perseguição, a Igreja sempre se sentiu fortalecida e guiada pela esperança. Esse momento de provação foi um momento de purificação e renascimento, levando a uma explosão de vitalidade no testemunho de Jesus Cristo e no anúncio do seu Evangelho. Apesar dos professores terem deixado de ser catequistas, as comunidades foram reunindo, encontrando dirigentes e celebrando a fé. Ser cristão era difícil e arriscado, mas gente sem conta mostrou empenho e compromisso, comportando-se como verdadeiros discípulos de Jesus Cristo. E, para isso, também contribuiu a presença, muitas vezes silenciosa, do missionário que aceitou partilhar o sofrimento do povo.



▲ **Com a independência, a Igreja rejuvenesceu com rosto moçambicano. Na foto, um detalhe da visita do Papa João Paulo II a Moçambique, em 1988**

Afinal, o que parecia ser uma catástrofe tornou-se uma grande oportunidade que levou ao surgimento de uma Igreja rejuvenescida e fortalecida. Deixou de ser vista como um suporte do poder colonial opressivo para se tornar num fermento de afirmação e libertação. Não se tratava mais de uma Igreja trazida de fora, mas de uma Igreja na qual o povo se reconhece, porque é a sua Igreja, alicerçada e construída em Cristo. É uma Igreja em que todos participam, porque todos se sentem responsáveis. A Igreja que tinha sido descartada como obscurantista, tornou-se fonte de luz e de esperança, de maneira que não se pode contar a história de Moçambique e da consolidação da sua independência sem falar do contributo da Igreja através da sua hierarquia e das suas comunidades cristãs. De facto, a Igreja deu um contributo essencial para as negociações de paz que puseram fim à guerra civil. Ao celebrar 50 anos de independência, Moçambique encontra-se de novo em grande crise política, com a guerrilha a vitimar de novo muita gente. No seio do povo a Igreja é chamada a continuar a ser fonte de luz e de esperança. •

O papel da Igreja na conquista e consolidação da independência de Moçambique

◊ **Pe. Tiago Tomás, Missionário da Boa Nova no Japão**

O Pe. Tiago Tomás, Missionário da Boa Nova, moçambicano, analisa o papel da Igreja no longo caminho que levou à Independência de Moçambique, em 1975, e à sua consolidação nos últimos 50 anos, num percurso ensombrado, desde 2017, pelo terrorismo em Cabo Delgado e a turbulência pós-eleitoral, no final de 2024.

Durante o período colonial em Moçambique, a Igreja desempenhou um papel significativo na luta pela independência e na consolidação do país no pós-independência. Enquanto muitos setores religiosos estavam alinhados aos interesses coloniais, figuras notáveis dentro da Igreja ergueram a voz na defesa dos direitos humanos, na promoção da liberdade e na mediação de conflitos. Este ensaio examina como a Igreja, por meio de ações individuais e institucionais, influenciou a trajetória de independência de Moçambique.

I. DO PRÉ-COLONIALISMO À LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

À semelhança do que ocorreu noutras regiões de África e da América, a Igreja Cristã, para além da sua missão evangelizadora, desempenhou algum papel na colonização. Em determinados contextos, versículos bíblicos foram instrumentalizados para justificar a exploração do homem pelo homem e, em casos extremos, para legitimar sistemas de segregação racial, como o *apartheid* na África do Sul. Em Moçambique, a estratégia missionária privilegiou a evangelização das lideranças locais como meio de penetração ideológica, um fenómeno

evidenciado pelo apressado batismo do rei Mwene Wa Mutapa Guetse Rutsere e da sua esposa. A conversão forçada implicou a imposição de novos nomes e costumes, enquanto se procedia à apropriação de terras sob o pretexto da construção de igrejas, que, na realidade, muitas delas, terão servido como feitorias para a consolidação do projeto colonial.

Durante as guerras de resistência contra a penetração estrangeira e a colonização portuguesa, missionários protestantes suíços, como Ginod e Lengman, manifestaram o seu apoio à autodeterminação dos africanos, o que lhes valeu a expulsão pelo regime colonial. Estes missionários desempenharam um papel crucial no encorajamento dos autóctones para resistir à colonização. Mais tarde, a luta armada de libertação nacional, entre 1964 e 1974, veio a ser consequência desse investimento missionário que promoveu a consciência sobre a importância da liberdade e da responsabilidade coletiva no processo de emancipação. Há relatos que dão conta de um notável trabalho realizado pelas missões católicas e protestantes, que atuaram como centros de educação e consciência nacional. Muitas destas escolas missionárias ensinaram os direitos humanos e ofereceram espaços seguros para diálogos políticos, ajudando a consolidar uma identidade moçambicana frente ao colonialismo.



▲ **Ao nível da Igreja católica, D. Manuel Vieira Pinto foi uma figura incontornável, tanto antes como depois da independência**

A Igreja Católica e outras denominações religiosas em Moçambique assumiram diferentes posições durante a luta pela independência. Enquanto algumas figuras como D. Francisco Nunes Teixeira, bispo de Quelimane, colaboraram com a PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), denunciando padres e fiéis com tendências anticolonialistas, outros líderes religiosos tomaram posições contrárias. Entre estes, destacam-se os padres Mateus Pinto Guenjere e Filipe Couto e o pastor Urias Simango, que se crê terem chegado a empunhar armas contra o domínio português. A repressão colonial fez numerosas vítimas, tais como os pastores Zedequias Manganhela e Sidumo, mortos sob tortura da PIDE, e, mais tar-

de, o pastor Martinho Campos, que também sofreu perseguições brutais.

Por outro lado, líderes religiosos como D. Sebastião Dias Resende e D. José Garcia dos Santos assumiram um papel profético, guiando o povo moçambicano na luta pela independência. Uma das figuras mais destacadas foi D. Manuel Vieira Pinto, arcebispo de Nampula, cujas declarações contra o regime colonial português marcaram profundamente a resistência à opressão. Num dos seus discursos, D. Vieira Pinto enfatizou: "A liberdade do povo não é uma dádiva, é um direito que deve ser conquistado." D. Manuel denunciou não apenas a exploração colonial, mas também os massacres contra civis, como o de Wiriyamu, em 1972, convocando líderes e comunidades à luta pela justiça e dignidade.



▲ **O hastear da bandeira no dia da independência**

Embora parte da Igreja se mantivesse neutra ou até favorável ao regime colonial, algumas lideranças religiosas estabeleceram uma relação estreita com a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Através de apoio moral e logístico, membros da Igreja ajudaram na organização de comunidades e na disseminação de ideias anticoloniais.

De acordo com relatos da época, muitos padres e missionários facilitaram encontros secretos da FRELIMO e incentivaram debates que questionavam a legitimidade do colonialismo. Esta colaboração gerou tensões entre a Igreja e o governo português, com acusações de subversão contra religiosos que apoiavam a luta pela independência.

No entanto, a independência, unilateralmente proclamada pela FRELIMO, foi arquitetada de forma a excluir a oposição, um fator que precipitou o subsequente conflito civil entre a FRELIMO e a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana).

II. DA GUERRA CIVIL AOS ACORDOS DE ROMA

Após a independência em 1975, Moçambique enfrentou uma longa guerra civil que ameaçou destruir os esforços iniciais de unificação nacional. Novamente a Igreja assumiu um papel crucial, mediando diálogos entre o governo e os grupos opositores. Durante este período, líderes religiosos promoveram a paz e a reconciliação. A Igreja desempenhou também um papel fundamental na transição de Moçambique para um sistema multipartidário. O arcebispo da Beira, D. Jaime Gonçalves, foi uma figura central na mediação entre os líderes da FRELIMO, Joaquim Chissano, e da RENAMO, Afonso Dhlakama. As negociações conduzidas sob a égide de D. Matteo Zuppi, da Comunidade de Santo Egídio, culminaram na assinatura do Acordo Geral de Paz de Roma, em 1992. Como consequência direta deste acordo, realizaram-se as primeiras eleições gerais multipartidárias em 1994.

Numa carta pastoral de 1989, D. Jaime Gonçalves afirmou: "Não há caminho para Moçambique sem paz; a Igreja deve ser luz para os que buscam reconciliação." A atuação da Igreja foi determinante para

acordos como o de Roma, que culminaram no fim da guerra civil em 1992. Além disso, a Igreja continuou a promover o desenvolvimento social, particularmente na educação e na saúde, consolidando sua posição como um pilar da reconstrução nacional.

Contudo, ao longo dos anos, os processos eleitorais em Moçambique foram frequentemente contestados, levando, em diversas ocasiões, a episódios de violência e ao retorno da RENAMO à luta armada.



DR

▲ **Roma: O bom êxito das conversações de paz entre a RENAMO e o governo moçambicano, a 4 de outubro de 1992, na Comunidade de Santo Egídio**

Em meio aos problemas, sejam eles naturais ou políticos, este cinquentenário revela que Moçambique ainda é uma terra de esperança, graças ao elevado número de jovens, à riqueza dos seus recursos naturais e à vontade de muitos de tirar o país da condição de pobreza extrema.

Neste contexto, a Igreja, através da Conferência Episcopal de Moçambique (CEM) e de pastores ligados ao Conselho Cristão de Moçambique, continuou a intervir ativamente nos esforços de pacificação, com o intuito de consolidar a independência e promover a estabilidade nacional.

III. DO TERRORISMO JIHADISTA EM CABO DELGADO ÀS MANIFESTAÇÕES PÓS-ELEITORAIS VIOLENTAS

Em nenhum momento da história de Moçambique a Igreja deixou de lutar pela consolidação das conquistas da independência, apesar das perseguições de que tem sido alvo desde 1975 por parte do regime da FRELIMO, intolerante face às críticas. Desde 2017, com o surgimento do terrorismo jihadista em Cabo Delgado, a Igreja voltou a assumir um papel central na defesa dos direitos humanos. Neste contexto, a Igreja Católica emergiu como uma voz profética, denunciando as violações aos direitos humanos e clamando por uma solução pacífica e sustentável para a região.

Desde o início dos ataques, a Igreja Católica tem denunciado o horror vivido pelas populações afetadas e dado assistência às mesmas no terreno. D. Luiz Fernando Lisboa, bispo emérito de Pemba, atualmente no Brasil, destacou-se como uma das principais vozes na denúncia das violações perpetradas contra as populações locais, o que valeu ameaças à sua própria segurança. Contra a ocultação do drama humanitário de Cabo Delgado, afirmou: "Como se pode estar sob controle da situação se as

pessoas continuam a morrer?".

A CEM inúmeras vezes condenou a violência em Cabo Delgado e apelou à solidariedade nacional e internacional. Numa de suas cartas, os bispos de Moçambique destacaram que: "Não se pode construir uma sociedade baseada no medo, na destruição e na desumanização de inocentes. Apelamos à consciência moral e humana de todos os envolvidos". Estas palavras refletem a tentativa de chamar a atenção para as causas profundas do conflito, incluindo a pobreza e a exclusão social, que muitas vezes são exploradas por grupos extremistas.

Os bispos moçambicanos têm enfatizado a necessidade de abordagens inclusivas para resolver a crise, alertando para o perigo das respostas exclusivamente militares. O arcebispo de Nampula, D. Inácio Saure, afirmou: "A paz não será alcançada somente com armas, mas através do diálogo, da justiça social e do respeito pela dignidade humana." Recentemente, manifestou-se de forma crítica contra os abusos de poder do governo da FRELIMO, enquanto figuras como o pastor Marcos Chambule denunciam a corrupção, a usurpação de recursos e a má governação. Assim, a Igreja mantém-se como uma instituição-chave na defesa dos valores democráticos, da justiça social e dos direitos dos cidadãos, reforçando o seu compromisso com a paz e a estabilidade do país.



▲ Moçambique foi visitado pelo Papa S. João Paulo II, em setembro de 1988, ainda antes dos Acordos de Paz, em Roma



DR

▲ Deslocados de guerra, em Cabo Delgado. Desde 2017, a violência armada tem aterrorizado o povo, semeando o terror e ceifando vidas inocentes

Além de condenar o terrorismo, a Igreja Católica desempenha um papel crucial no apoio às populações deslocadas. As Instituições e missões católicas têm oferecido assistência humanitária, como abrigo, alimentos e apoio psicológico às vítimas. A Cáritas Moçambicana tem sido uma das principais organizações no terreno, mobilizando recursos e voluntários para aliviar o sofrimento das comunidades. Esse apoio não apenas fornece socorro imediato, mas também fortalece os laços comunitários e promove uma mensagem de esperança e resistência diante das adversidades. •

“O caminho de maturidade de Moçambique percorre-se revisitando e reescrevendo o projeto de nação”

◊ **Pe. Salvador Bila, Diretor do Secretariado da CEM**

O Pe. Salvador Bila, da Arquidiocese de Maputo, atual Diretor do Secretariado da Conferência Episcopal de Moçambique (CEM), continua a sonhar com um Moçambique próspero economicamente e integral. Tal sonho comanda a vida desta jovem nação, onde os jovens são a larga maioria.

Boa Nova (BN): Qual é para si o significado dos 50 Anos de Moçambique enquanto nação livre e independente?

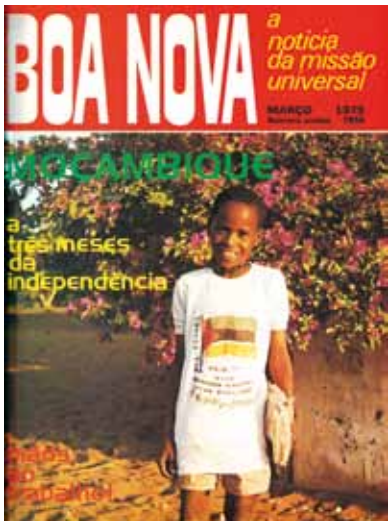
Pe. Salvador Bila (SB): A efeméride dos 50 anos de independência de Moçambique é um marco importante na história do país. Moçambique apresenta-se como uma jovem nação, em história e demografia, que na natural complexidade do processo de crescimento e consolidação, vai trilhando o seu caminho, entre avanços e retrocessos, rumo àquela sonhada prosperidade social que beneficie todos sem parcialidades nem condicionalismos. Uma palavra de gratidão e reconhecimento é devida a todos aqueles jovens moçambicanos que corajosamente lutaram pelo sonho da liberdade. Souberam renunciar aos seus pequenos e confinados sonhos pessoais para sonhar e pensar mais largamente. Moçambique independente nasceu como parto coletivo e popular de heróis e heroínas, conhecidos e anónimos, para dar vida a uma nação soberana.

BN: Na sua visão quais os sonhos cumpridos e aqueles que ainda estão por cumprir?

SB: A história sucessiva à independência tem demonstrado que mais difícil do que alcançar a independência é construir uma nação em que a diversidade seja vista como riqueza; as vozes dissonantes sejam escutadas e integradas na harmonia da família moçambicana; o poder seja posto ao serviço dos mais frágeis; a pluridade ideológica, política, partidária e religiosa seja apreciada como condição necessária para o desenvolvimento. A fotografia de Moçambique no momento atual é bastante tenebrosa. As recentes manifestações populares pós-eleitorais foram apenas o último sinal de uma história de um prolongado grito popular inaudito. Tristemente, a história de Moçambique independente é marcada por um rasto de sangue de patriotas, dissidentes do regime. A crueldade da longa guerra civil (1977-1992) manifestou-se não só na extensão do tempo, mas sobretudo no extermínio de cerca de um milhão e meio pessoas e na dispersão de cinco milhões de deslocados. Este "trauma nacional" é agudizado pelas contínuas injustiças sociais e um permanente clima de insegurança e instabilidade.

A assinatura dos Acordos Gerais de Paz, em 1992, constituiu o resultado de uma rede nacional e internacional de concertações em prol da paz. Foi a prova viva de que o envolvimento construtivo de todos os moçambicanos pode levar a conquistas nacionais em benefício de todos. A paz fez sonhar um país que finalmente podia caminhar baseado no diálogo e na convivência fraterna. As eleições multipartidárias tinham o objetivo de devolver ao povo a sua legítima soberania de delegar aos seus eleitos o poder de governar na paz e na justiça. O sonho não se realizou: todos os processos eleitorais de Moçambique, desde então até ao presente, têm sido marcados por violência, mortes e fraudes.

O Estado não consegue realizar a sua vocação natural de oferecer serviços dignos para o desenvolvimento dos moçambicanos. Serviços básicos como alimentação, saúde e educação continuam uma miragem. O melhor dos 50 anos é a vitória ténue e frágil sobre o constante espetro da guerra civil e o vibrante desejo de encontrar um caminho de paz, reconciliação e desenvolvimento. A "frelimização" do estado, as aberrantes assimetrias sociais, a corrupção, o nepotismo, a pesada e ineficiente máquina estatal, a reconciliação superficial, a insegurança urbana, a insurgência no Norte e a inconsistência democrática são ameaças fortes ao desenvolvimento de Moçambique.



▲ Capa da Boa Nova de março de 1975, três meses antes da independência de Moçambique. 50 anos depois, o sonho de um país jovem e da sua juventude continua vivo

DR



▲ A visita do Papa Francisco, em 2019, ajudou a reavivar a esperança de um povo que sabe sorrir e que anseia por um futuro de justiça, paz e fraternidade.



EPA/Lusa

▲ **Em Moçambique, peregrina uma Igreja jovem e alegre, que celebra a fé com cânticos e danças (dançarinas na missa presidida pelo Papa Francisco, em 6 de setembro de 2019, no Estádio Nacional do Zimpeto)**

BN: Como alcançar mais maturidade, liberdade e desenvolvimento?

SB: O caminho da maturidade de Moçambique como nação soberana, rumo à consolidação da liberdade e do desenvolvimento, percorre-se revisitando e reescrevendo o projeto de nação. É imprescindível enriquecer o projeto inicial de 1975, com todas as contribuições necessárias para responder às inspirações hodiernas dos moçambicanos. Questões como a redistribuição justa das riquezas, o desenvolvimento humano, atenção particular à juventude, reforço das liberdades e consolidação da soberania territorial são inadiáveis. Apesar de todas as dificuldades objetivas, passadas e presentes, eu sonho ainda com um Moçambique próspero economicamente e integral. Um dos elementos recorrentes ao longo dos 50 anos de independência de Moçambique é a capacidade de encontrar consensos. Moçambique conseguiu chegar aos acordos de paz; e na era democrática tem sempre encontrado caminhos para apaziguar as tensões eleitorais. Os moçambicanos sabem dialogar e colocar os interesses do país acima de qualquer outra agenda.

BN: Qual o papel da Igreja (Católica) no processo de reconciliação nacional e como esta foi afetada pelo regime que se seguiu à Independência?

SB: O papel da Igreja Católica no processo de pacificação e reconciliação em Moçambique tem sido muito significativo, não obstante a hostilidade do regime comunista adotado depois da independência e a perseguição, das quais as nacionalizações dos bens da Igreja são um dos exemplos. A Igreja católica tem acompanhado o país nas diversas fases da sua história, caminhando sempre com os segmentos sociais



EPA/Lusa

▲ **Após as últimas Eleições gerais, cujos resultados foram fortemente contestados, Moçambique viveu meses de grande tensão. A juventude e o povo moçambicano, como todos os povos, anseiam por mais justiça, paz e fraternidade**

mais vulneráveis e promovendo o bem-comum.

Logo nos primeiros anos de independência (1977), a Igreja definiu-se como "Igreja ministerial", uma família em Cristo, alicerçada na escuta da Palavra de Deus; unida na partilha da diversidade de carismas, dons e serviços, não só no seu interior, mas com todo o povo aflito por tantas adversidades. Quando eclodiu a guerra civil, a Igreja testemunhou corajosamente a sua missão. Em condições de grande risco, muitos missionários, catequistas e leigos doaram a própria vida em testemunho de Cristo, partilhando a sorte de tantos moçambicanos vítimas da guerra fratricida. Ainda durante a guerra, em colaboração com outras confissões, a Igreja procurou reunir os beligerantes para o diálogo de paz. Tais esforços culminaram com a assinatura dos acordos gerais de paz. Depois dos acordos, a Igreja empenhou-se muito para a preservação da paz, constantemente ameaçada pelo incumprimento dos acordos e na reconstrução do país.

A Conferência Episcopal de Moçambique tem sido sempre muito contundente na denúncia das injustiças sociais em Moçambique. Através das suas cartas pastorais, os bispos de Moçambique têm alertado sobre a "frelimização do estado", a corrupção, a precariedade das condições de vida das faixas sociais mais desfavorecidos.

Ainda hoje, a Igreja continua a promover o desenvolvimento humano, a paz, a justiça e a reconciliação. A visita do Papa Francisco, em 2019, recolocou estes assuntos na agenda nacional. Infelizmente, os recentes acontecimentos pós-eleitorais comprovam de maneira inequívoca que ainda há um longo caminho a percorrer para a consolidação da paz, reconciliação e justiça social. •



Moçambique: da Independência ao Jubileu

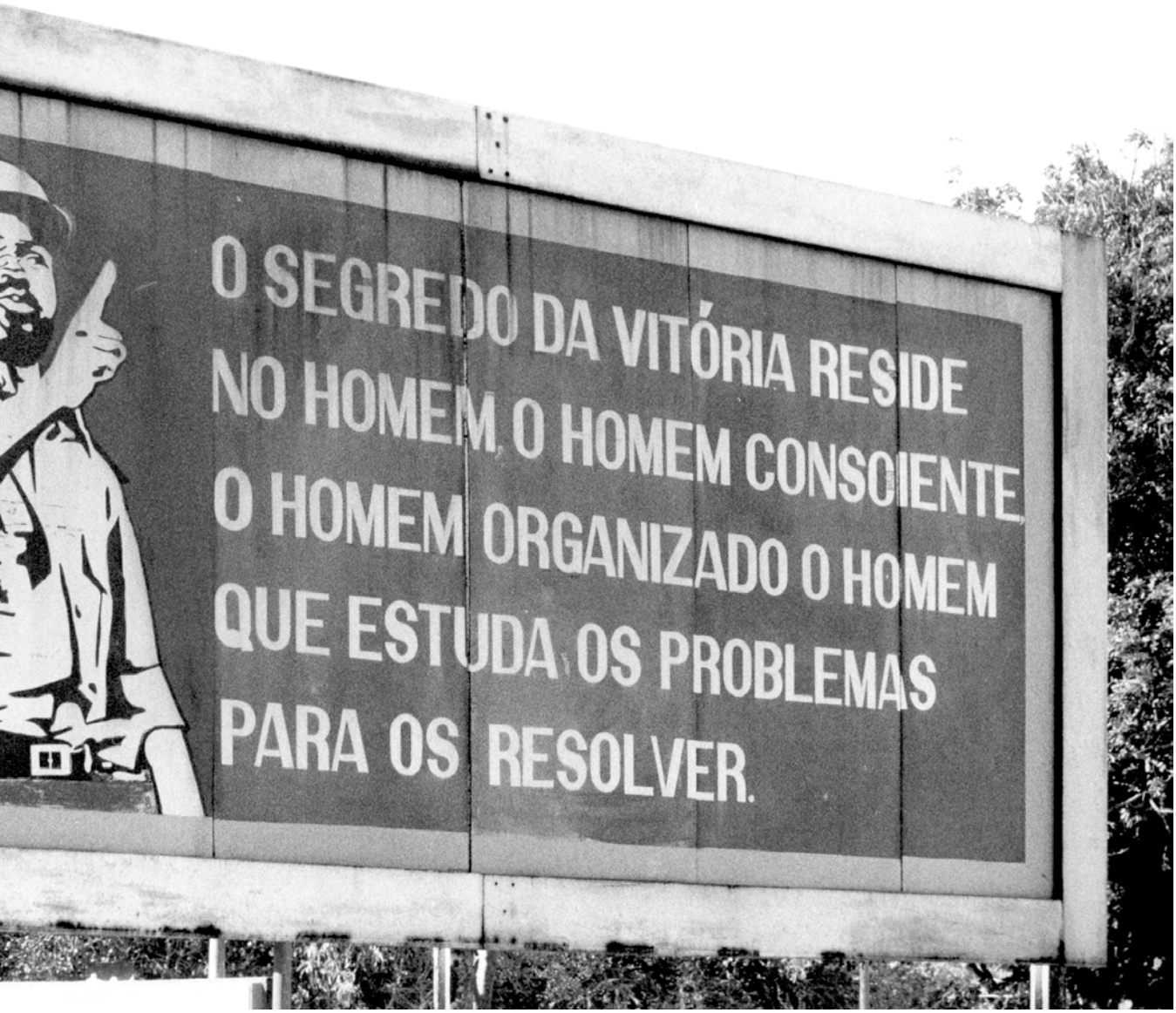
◊ **Norma Azarias, Missionário da Boa Nova**

Norma Azarias é um jovem seminarista moçambicano, Missionário da Boa Nova, atualmente em Valadares, que partilha a sua visão sobre estes 50 anos de Moçambique, enquanto país independente, como uma terra de esperança, apesar de todos os desafios que enfrenta.

Moçambique celebra, neste ano, 50 anos de existência como país independente. Trata-se de cinco décadas em que os moçambicanos reconhecem um percurso marcado por grandes desafios — alguns superados com sucesso, outros ainda não alcançados.

Neste ano jubilar, podemos

DR



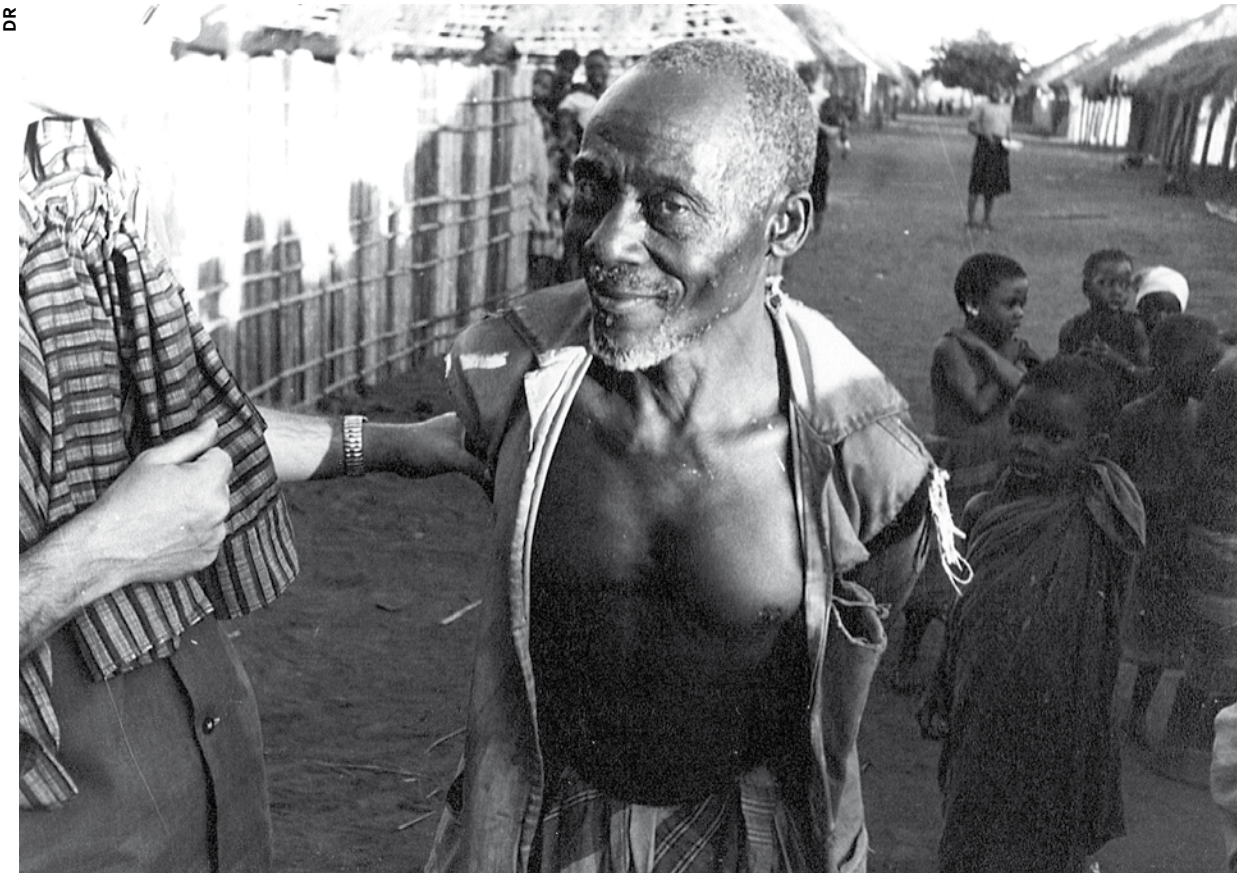
▲ **Slogan do presidente Samora Machel, após a independência**

Com o Acordo de 1992, Moçambique inaugura um novo tempo, que começa a produzir frutos com as primeiras eleições gerais, em 1994.

refletir sobre o trajeto histórico do país desde a data emblemática de 25 de junho de 1975, que marcou o início da Primeira República, até o presente, em 2025 — ano que, situado na Segunda República, representa também um tempo de nova consciência, inaugurada pelas manifestações gerais de 2024/2025.

Desde o ano da independência até aos Acordos de Roma de 1992, durante a Primeira República, Moçambique foi um país guiado pelos princípios socialistas marxistas, sob um regime de partido único (FRELIMO). Nessa fase, procurou-se afirmar uma

DR



▲ **Um homem amputado, vítima da guerra civil moçambicana que levou à morte de mais de um milhão de pessoas e obrigou entre 4 a 5 milhões de moçambicanos a refugiarem-se fora do país**

identidade nacional, promovendo a solidariedade e o sentido de pertença, elementos que impulsionaram, no coração da maioria dos cidadãos, o estudo e o trabalho como meios indispensáveis para a formação do "homem novo" e de uma nova sociedade. No entanto, essa construção foi marcada pela ausência do direito à livre opinião, o que contribuiu para o surgimento da guerra civil.

Em 1992, depois de muitas vidas perdidas e grande destruição de infraestruturas, surgiu a necessidade do diálogo e do acordo entre o governo da FRELIMO e a RENAMO, o que trouxe uma nova visão para o país: a de que é possível desenvolver Moçambique democraticamente, aceitando a diversidade de opiniões e a livre escolha dos dirigentes, através do voto.

Com o Acordo de 4 de outubro de 1992, Moçambique inaugura um novo tempo, que começa a produzir frutos com as primeiras eleições gerais, em 1994. Instaura-se a ideia de progresso, com apoio financeiro de bancos internacionais como o FMI; desenvolvem-se indústrias, criam-se universidades. Contudo, emerge também o tribalismo, o regionalismo e a corrosão de valores fundamentais da Primeira República, como a valorização do bem comum. Inicia-se, segundo Severino Ngoenha, a "dolarcracia" — o amor ao dinheiro em detrimento do povo —, impulsionada pela descoberta de diversos recursos naturais. Instala-se uma liberdade de expressão disfarçada, que levou ao silenciamento de vozes dissonantes.

Nos últimos anos, vemos um país que continua a escrever sua história enfrentando desafios como o terrorismo, os



▲ **Funeral do Pe. António da Rocha, em janeiro de 1989, no Chiúre, diocese de Pemba, também ele ceifado na sua juventude pela loucura da guerra**

Em meio aos problemas, sejam eles naturais ou políticos, este cinquentenário revela que Moçambique ainda é uma terra de esperança, graças ao elevado número de jovens, à riqueza dos seus recursos naturais e à vontade de muitos de tirar o país da condição de pobreza extrema.

fenómenos naturais — cheias, ciclones, secas —, fatores que têm contribuído para o retrocesso no desenvolvimento.

Entretanto, em meio aos problemas, sejam eles naturais ou políticos, este cinquentenário revela que Moçambique ainda é uma terra de esperança, graças ao elevado número de jovens, à riqueza dos seus recursos naturais e à vontade de muitos de tirar o país da condição de pobreza extrema, usando os próprios recursos que possui. E, mais ainda, podemos afirmar que, com a consciência coletiva despertada por Mondlane nas manifestações de 2024/2025, cresce no coração de muitos a convicção de que o país é património de todos — e não de alguns.

Assim, podemos afirmar que, em 50 anos, o país tornou-se palco de um novo despertar: o de 1975, que deu origem a uma nação ainda frágil; o de 1992, que reconheceu, ainda que timidamente, o valor da diferença e do outro; e o de 2024/2025, que acreditamos ter resgatado o verdadeiro sentido da palavra democracia — transformando-a num valor precioso para a construção de um país diferente nos próximos anos. •

Projeto «A mim o fizestes»

◊ Pe. António Kusseta, Pároco de Santa Ana de Luanda

O Pe. António Sebastião Kusseta, pároco de Santa Ana, em Luanda, Angola, agradece as ofertas dos nossos leitores para o Fundo Temporário n.º 91, "A mim o fizeste", no total de 5.000 euros, que presta assistência a doentes seropositivos.
Diz-nos o Pe. Kusseta: que "graças ao vosso apoio temos assistido os doentes seropositivos que mais precisam". A ajuda a estes doentes, na sua maioria mulheres, consiste principalmente na doação de uma cesta básica: "os produtos que estamos a servir são de média qualidade. Bons produtos para o consumo humano, porém sem luxo".





Chegada dos produtos para a cesta básica

Dos 100 doentes assistidos pela paróquia, apenas 25 selecionados estão a beneficiar deste suplemento alimentar. Os doentes estão agrupados em três grupos: Santa Ana, com 12 membros; Santa Rita, com 9 membros e São Joaquim, com 4 membros, informa ainda o Pe. Kusseta.
Após receber o valor do projeto, o também Superior Regional dos Missionários da Boa Nova, em Angola, demonstra a sua gratidão: "resta-nos apenas uma palavra sincera de profundo agradecimento e reconhecimento por este gesto de ajuda a todos os leitores da Revista Boa Nova e de modo singular aos Leitores-Benfeitores dos projetos que por aí se anunciam".



Pe. Kusseta dando uma palestra sobre saúde doméstica a senhoras da paróquia de Santa Ana

O sacerdote missionário informa ainda que o grupo de Santa Rita tem beneficiado desta ajuda duas vezes por mês; por seu lado, os grupos de Santa Ana e de São Joaquim recebem a cesta básica uma vez por mês, não recebendo açúcar nem feijão.





Cestas básicas preparadas e sua distribuição

Nº	Itens	Quantidade	Valor/Unidade	Valor Total
1	Arroz	8 Sacos	23,300.00	186,400.00
2	Fuba de Milho	8 Sacos	16,500.00	132,000.00
3	Massa alimentar	8 Caixas	6,779,00	54,232.00
4	Óleo vegetal	40 Litros	1,640.00	65,600.00
5	Feijão	200 Kgs	1,600.00	320,000.00
6	Açúcar	1 Saco	55,000.00	55,000.00
			Total em Kwanzas	**813,232.00**

Tabela Bimensal de Contabilidade

Um gesto, um dom, uma oblação.
Um pouco de vida nossa a favor da vida dos outros.

FUNDOS PERMANENTES:

03. Fundo para Catequistas

"Renovo a todos o convite à oração, ao compromisso de ajuda fraterna e concreta em apoio às jovens Igrejas, não obstante as dificuldades económicas. Tal gesto de amor e de partilha, implementado pelo precioso serviço das Obras Missionárias Pontifícias, às quais manifesto a minha gratidão, vai ajudar à formação dos sacerdotes, seminaristas e catequistas nas distantes terras de missão e dar coragem às jovens comunidades eclesiais." *Bento XVI*
Total acumulado este ano: 40,00 €

32. Assinantes Países Lusófonos (APL)

Pretendemos facilitar e ajudar os nossos irmãos dos países que falam português e não podem assinar a revista. Seria uma ajuda para poderem ler a Boa Nova: seminaristas, leigos, animadores de comunidade, leitores, acólitos e muitos outros. Pretendemos mandar a revista para Centros de Paróquias ou Missões.
Total acumulado este ano: 18,00 €

FUNDOS TEMPORÁRIOS:

92. Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações (Tg 1,27)

O abandono de idosos, muitos deles acamados e com necessidades extraordinárias de apoio em medicamentos, além de alimentação e higiene, é um flagelo social que as paróquias de Mavalane e Aeroporto, ao encargo da SMBN, têm procurado responder de forma fraterna e cristã. São atendidos neste programa 150 idosos que vivem em extrema necessidade. O objetivo é prover de alimentos, roupa, medicamentos e habitação, estes irmãos. Pretendemos apoiar com 6.000,00 €.
Em abril recebemos: Maria Conceição Freitas Rodrigues, Lisboa, 35,00 €; Maria Ina Junqueira Rocha Dias, Vale de Cambra, 35,00 €; Isabel Maria Oliveira Silva, Fundão, 30,00 €.
Total acumulado: 5.964,82 €

93. Ensina-nos a rezar

A comunidade dos Missionários da Boa Nova de Nametil, com o Pe. Valdemar e o Pe. Luciano, atende 230 comunidades, com 70 mil cristãos e 15 mil catecúmenos, numa área muito vasta. O programa pastoral para o próximo triénio visa dar formação aos muitos agentes pastorais, desde a catequese à preparação litúrgica.
Pretendemos apoiar com 6.000,00 €.
Em abril recebemos: Maria Júlia Galamba Dias Pinto O. Lopes, Leiria, 77,00 €; Raul Gonzalez Benito, Lisboa, 60,00 €; Adélia Coelho Duarte, Vila Viçosa, 500,00 €.
Total acumulado: 3.639,42 €

94. Doces corações

A paróquia do Sagrado Coração do Chibuto, Diocese de Xai Xai, aos cuidados dos Missionários da Boa Nova, através da Cáritas Paroquial tem identificado várias mulheres e seus filhos portadores de VIH sida. Para além da doença, estão sujeitos ao estigma da marginalização. Para apoiar estas 40 mães e seus filhos, o Pe. Constantino Hatende e o Ir. Edgar Marques pedem a nossa ajuda para aquisição de medicamentos e alimentação.
Pretendemos apoiar com 5.000,00 €.
Em abril recebemos: Adélia Coelho Duarte, Vila Viçosa, 500,00 €; Irene Ferreira Cabral Carmo, Lisboa, 150,00 €.
Total acumulado: 3.800,32 €

95. Grão de Trigo

A Paróquia Maria Auxiliadora fornece assistência social e cuida através da Cáritas de várias crianças órfãs e abandonadas em dois centros da Paróquia situados em alguns dos bairros mais carenciados da cidade de Pemba: Cariacó e Natite.
A maioria destas crianças provem de famílias deslocadas pelos ataques a Cabo Delgado, e são crianças portadoras de VIH, lepra ou outras doenças crónicas. Pretende-se dar assistência social, educativa e alimentar a 100 crianças.
Pretendemos apoiar com 6.000,00 €.
Em abril recebemos: Maria Fátima Silva P. A. Portal, Cesar, 20,00 €; Adélia Coelho Duarte, Vila Viçosa, 500,00 €; Dr. Fernando Martins Lopes, Proença-a-Nova, 125,00 €; Anónima, S. João da Madeira, 25,00 €.
Total acumulado: 1.045,00 €

96. Dar de beber a quem tem sede

Este projeto propõe-se a ajudar o seminário da Boa Nova em Viana, Angola. Nesta casa de formação vivem 22 seminaristas de Filosofia que subsistem, em parte, do seu trabalho: criação de animais e do quintal, com apoio dum furo de cerca de 200m de profundidade. A eletrobomba queimou e os técnicos locais não conseguiram tirá-la e o furo ficou inoperante, pondo em risco sustento do seminário. Um novo furo custa 25.000€. A revista Boa Nova, com apoio dos seus assinantes, amigos e benfeitores propõe-se ajudar com 6.000€.
Em abril recebemos: Adélia Coelho Duarte, Vila Viçosa, 500,00 €; Anónima, S. João da Madeira, 25,00 €; Manuel Roberto Barreiro Sousa, Funchal, 100,00 €.
Total acumulado: 625,00 €.

O valor das BOLSAS DE ESTUDO é de 750,00 € com direito a Trintário Gregoriano
(cujo estipêndio é, agora de 350,00 €), após o falecimento do Benfeitor.

Registamos com gratidão as ofertas que nos chegaram durante o mês de abril de 2025 destinadas a Bolsas de Estudo.

O QUE É UMA BOLSA

É um determinado capital (na Sociedade Missionária da Boa Nova 750,00 Euros), doado de uma só vez ou aos poucos, cujo rendimento se aplica a ajudar a formação de um missionário. Os fundadores, que podem escolher o título da Bolsa, são AMIGOS DA SOCIEDADE MISSIONÁRIA.

PELOS FUNDADORES

Todos os dias se reza nos Seminários da Sociedade. Por ocasião dos Fiéis Defuntos, todos os sacerdotesda Sociedade celebram uma missa por suas intenções.
Uma "Bolsa de Estudos" completa dá direito à celebração de um Trintário logo que se tenha conhecimento do falecimento da pessoa.

Abril:

SAGRADO CORAÇÃO JESUS E MARIA
ANÓNIMA.....25,00 — 325,00

ARISTIDES PRATA
MARIA EMÍLIA G. F. MACHADO PRATA.....100,00 — 150,00

CORAÇÃO DE MARIA
MARIA ROSA OLIVEIRA ALMEIDA.....750,00

MARIA ROSA PINHO
MANUEL OLÍMPIO PINHO COSTA.....750,00

SANTO ANTÓNIO
MARIA ALICE CORREIA PINHO GOMES COSTA....20,00 — 735,00

TOTAL: 1.645,00 €

Ajude a formar um missionário

CONTACTE: COOPERAÇÃO MISSIONÁRIA –
Bolsas de Estudo – Apartado 40 – 3721-908 VILA DE CUCUJÃES

PUB

CLÍNICA MÉDICA
Dr. José Belmiro, L.da
Dr.ª Adelaide Costa
PSIQUIATRIA
DOENÇAS NERVOSAS
* CLÍNICA DENTÁRIA
* CLÍNICA GERAL
* ANÁLISES CLÍNICAS
* ESPECIALIDADES MÉDICAS

Contratos com:
* MULTICARE
* C. M. OL. AZEMÉIS
* C. M. S. J. MADEIRA
* EDP * MÉDIS * ACASA
* MINISTÉRIO JUSTIÇA
* C. G. DEPÓSITOS
* SAMS-ADVANCE CARE
* CTT * TELECOM
* MODELO * FEIRA NOVA
* PINGO DOCE
* NESTLÉ * LACTOGAL
* CIMPOR * TRECAR

DEPARTAMENTO DE IMPLANTES DENTÁRIOS E ORTODONTIA:
- IMPLANTES DE ELEVADA QUALIDADE A PREÇOS ACESSÍVEIS
- TRABALHOS COM GARANTIA
- FACILIDADE DE PAGAMENTO
- ORÇAMENTOS GRATUITOS

Rua 5 de Outubro, 395-2 S. JOÃO DA MADEIRA **Telef.: 256 827 477**
Rua Elias Garcia, 140-1.º OVAR **Telef.: 256 575 509**
Rua das Lagomas S. ROQUE **Telef.: 256 872 898**
Centro Comercial Camões - Loja 1.7 OLIVEIRA DE AZEMÉIS **Telef.: 256 681 759**

CONSULTAS ATÉ ÀS 20H00 E AOS SÁBADOS TODO O DIA

A Família Boa Nova, ainda mais alargada

◊ **Pe. Augusto Farias**
Administrador da Boa Nova



Fotos: Boa Nova

▲ **No dia 25 de abril, reuniram-se no Seminário de Cucujães familiares de todos os membros da SMBN, numa homenagem a todos os missionários já falecidos**

No dia 25 de abril, a Sociedade Missionária da Boa Nova (SMBN) retomou a tradição de reunir os familiares de todos os membros vivos num dos nossos seminários, interrompida com a pandemia do COVID 19. No âmbito da celebração do centenário da SMBN, a Comissão Organizadora sugeriu, este ano, alargar este encontro anual a todos os familiares dos nossos membros já falecidos. E vieram de muitos pontos do país. Juntámo-nos cerca 200 pessoas no Seminário de Cucujães.

O programa foi simples. Às 10h, visita à exposição dos painéis expostos nas colunas do claustro beneditino. Cada foto, observada por cada familiar, e por todos nós, era a evocação duma vida doada ao serviço do Evangelho. Nessa grande galeria de 124 falecidos, escondiam-se mártires, confessores da fé e todos, discípulos missionários. Foi uma visita por vezes silenciosa, outras vezes, com muito ruído, comentando circunstâncias e momentos que marcaram as vidas de muitos dos presentes.

Seguiu-se a sessão comemorativa no auditório do seminário, orientada pelo Pe. Albino dos Anjos, que deu as boas-vindas e contextualizou este encontro no âmbito das celebrações do centenário. O Pe. Luís Vieira abriu a sessão com algumas canções do seu reportório seguindo-se um pequeno vídeo, no qual figuravam todos missionários falecidos.

O Pe. Jerónimo Nunes apresentou duas pequenas biografias da Editorial Missões: D. João Evangelista Vidal, primeiro Superior Geral da SMBN, e o Pe. João Craveiro Viegas, um dos primeiros membros a fazer o Juramento Missionário na SMBN (1932) e a ser enviado na primeira expedição missionária para Moçambique (1937). Foi também

o primeiro membro da SMBN a ser Superior Geral, iniciador de missionários e um modelo em quem todos nos podemos rever. O seu sobrinho, Sr. António Viegas, tomou a palavra para destacar o humanismo e a alegria do seu tio, que a todos contagiava.

Finalmente, a Ir. Magda Joaquim, Superiora Geral das Filhas do Imaculado Coração de Maria ("Irmãs Diocesanas de Pemba"), fundadas por D. José dos Santos Garcia, da SMBN e primeiro bispo de Porto Amélia (Pemba). Sentem-se filhas dos Missionários da Boa Nova a quem carinhosamente chamam "titios", porque vivem a espiritualidade mariana e eucarística que lhes foi transmitida pelo seu fundador e pelos missionários que as acompanharam.

Ao meio-dia foi a solene eucaristia pascal a que se associaram alguns dos nossos colaboradores missionários. Presidiu o reitor do Seminário que sublinhou o rasto de vida e de luz deixado pelos nossos companheiros nos diversos lugares onde passaram. Evocou também a obra realizada connosco pelas Missionárias da Boa Nova e fez referência à falange de amigos que, ao longo de quase cem anos, estiveram connosco com a sua oração e ajuda material, tornando possível todo o trabalho realizado nas frentes da Missão. Todos: padres, irmãos, irmãs e leigos são nossos antepassados e se tornaram mediadores entre Deus e nós, que hoje continuamos a mesma Missão que lhes foi confiada. Esta celebração foi uma vibrante manifestação de fé e de gratidão aos nossos antepassados que hoje intercedem por nós.



▲ **Este encontro permitiu fortalecer a comunhão entre todos como parte de uma grande família: a Família Boa Nova**



▲ **O Pe. Jerónimo Nunes apresentou a biografia do Pe. João Craveiro Viegas, um dos primeiros membros da Sociedade Missionária e fundador da missão do Mutuáli**

O almoço foi um momento de convívio e de encontro entre amigos que, não se conhecendo, se tornaram família, e contraíram laços de amizade e de mútuo envolvimento na causa deixada pelos seus antepassados.

O encontro encerrou às 15h no cemitério de Cucujães junto ao memorial onde estão os nomes de todos os missionários aqui sepultados e dos que tombaram nos postos de Missão. Foi uma celebração simples mas emotiva, onde se espelhava em todos os rostos a fé e a gratidão pelas vidas doadas dos seus familiares cujos laços de comunhão e de afeto se tornaram mais vivos.

Este encontro veio cimentar os laços de comunhão e fazer-nos sentir que continuam vivos na memória de todos nós. Neles, a Família Boa Nova tornou-se mais alargada na relação entre nós, e mais ampliada na comunhão com todos os que nos antecederam na fé e que, desde a "outra margem", estão presentes nas nossas vidas. •

Pensamento

"Ter sucesso é falhar repetidamente,
mas sem perder o entusiasmo".

◊ **Winston Churchill**

Curiosidade



Boa Nova

AMESTERDÃO

O nome de Amesterdão, a capital e a cidade mais populosa do Reino dos Países Baixos, deriva de Amstelredamme, numa referência ao dique (dam) sobre o rio Amstel deu nome ao povoado aí assentado: Amsteldam. Originária de uma pequena vila de pescadores que surgiu no final do século XII, Amesterdão tornou-se num dos portos mais importantes do mundo durante o Século de Ouro dos Países Baixos (séc. XVII), em resultado de desenvolvimentos inovadores no comércio. Durante essa época, a cidade era o principal centro financeiro e de diamantes do mundo. Nos séculos XIX e XX, a cidade expandiu-se e muitos novos bairros e subúrbios foram planeados e construídos. Os canais de Amesterdão e a Linha de Defesa de Amesterdão são considerados Patrimónios Mundiais pela UNESCO desde 2010.

◊ **Wikipédia/vários**

A REVISTA BOA NOVA CHEGOU AO MUNDO DIGITAL



BOA NOVA

A NOSSA IMPRENSA.
A NOSSA PRESENÇA

a mesma **esperança**



PAPA
Leão XIV

JUBILEU 2025

PEREGRINOS DE ESPERANÇA



OBRIGADO

Francisco